

A estranha fluidez dos duplos: enguias e axolotl em Cortázar

Doutoranda Ana Carolina Cernicchiaro¹ (UFSC/CNPq)

Resumo:

*Este trabalho propõe pensar o “Axolotl”, de Julio Cortázar, como um conto sobre o ponto de vista do outro, um absolutamente outro tão estranho quanto pode ser a larva de uma salamandra e, ao mesmo tempo, tão próximo que se torna um duplo do narrador. Inevitável não lembrar do *unheimlich* de Freud, para quem o duplo representa uma espécie de consciência do self. Podemos pensar que essa “consciência” se forma justamente porque é ao outro que cabe a pergunta sobre o eu. Conforme ensina a lição levinasiana, é somente no encontro ético com o outro que se forma uma subjetividade. Neste sentido, ao introduzir este corpo estranhamente familiar, mais do que produzir estranhamento (consequência tanto da monstruosidade do axolotl quanto da transformação inumana do narrador), o texto cortazariano se revela um trabalho de performance que dá boas-vindas ao outro inumano, apresentando o eu como um devir entre multiplicidades, ressaltando a impossibilidade de demarcar o eu e o outro e apontando para o fato de que é pelo ponto de vista desta alteridade absoluta que posso me perceber como um ser incompleto, um ser que só existe com o outro, um ser no mundo, com e para o mundo.*

Palavras-chave: Axolotl, *unheimlich*, fluidez, incompletude, alteridade

Após perambular por uma Paris primaveril, que abre sua “calda de pavão-real depois da lenta inverno”, ao ver os verdes do *Jardin des Plantes*, entre tanto cinza da cidade, o narrador do conto “Axolotl”, de Julio Cortázar, decide procurar seus amigos felinos, mas acaba se deparando com um animalzinho bem mais estranho:

Era amigo de los leones y las panteras, pero nunca había entrado en el húmedo y oscuro edificio de los acuarios. Dejé mi bicicleta contra las rejas y fui a ver los tulipanes. Los leones estaban feos y tristes y mi pantera dormía. Opté por los acuarios, soslayé peces vulgares hasta dar inesperadamente con los axolotl. Me quede una hora mirándolos y salí, incapaz de otra cosa¹ (CORTÁZAR, 2007. p. 161).

Ali, no úmido e obscuro edifício dos peixes, tão sufocante e claustrofóbico quanto o apertado aquário dos axolotl, o narrador cortazariano se surpreende visto pelo olhar deste ser absolutamente outro, tão monstruoso quanto pode ser a larva de uma salamandra. Mas, ao mesmo tempo, “indomesticavelmente” familiar, tão próximo que se torna um duplo do narrador: “*Hubo un tiempo en que yo pensaba mucho en los axolotl. Iba a verlos al acuario del Jardín des Plantes y me quedaba horas mirándolos, observando su inmovilidad, sus oscuros movimientos. Ahora soy un axolotl*”², diz Cortázar (2007. p. 161) já nas primeiras linhas do conto.

Inevitável não lembrar, considerando o tema deste simpósio, do *unheimlich* de Freud, para quem o duplo, mesmo sendo uma das principais causas de estranheza, representa uma espécie de consciência do *self*. Essa relação de semelhança entre o eu e seu duplo é acentuada, explica Freud, por processos mentais que “saltam de um para o outro destes personagens – pelo que chamaríamos de telepatia -, de modo que um possui conhecimento, sentimento e experiência em comum com o outro” (FREUD, 1976. p. 293). O sujeito ficaria, dessa forma, em dúvida sobre quem é o seu eu e

¹ “Era amigo dos leões e das panteras, mas nunca havia entrado no úmido e escuro edifício dos aquários. Deixei minha bicicleta contra as grades e fui ver as tulipas. Os leões estavam feios e tristes e minha pantera dormia. Optei pelos aquários, olhei de soslaio peixes vulgares até dar inesperadamente com os axolotl. Fiquei uma hora olhando para eles e saí, incapaz de outra coisa”. (tradução minha)

² “Houve um tempo em que eu pensava muito nos axolotl. Ia a vê-los no aquário do *Jardin des Plantes* e ficava horas olhando-os, observando sua imobilidade, seus obscuros movimentos. Agora sou um axolotl”. (tradução minha)

acabaria substituindo esse *self* por um estranho. A assertiva de Freud é perfeita para definir o angustiante processo de transmutação de perspectivas, de devir-axolotl do narrador e de devir-homem do axolotl. Angustiante porque tal transformação, tal troca de pontos de vista, que se realiza no texto e pelo texto, implica o fim da dicotomia não apenas entre sujeito e objeto, mas também entre o mesmo e o outro.

Esta figura do duplo é, na verdade, uma obsessão de Cortázar. Não apenas neste conto, mas em inúmeros outros, como “*Una flor Amarilla*”, “*La noche boca arriba*”, “*Lejana*”, para citar apenas alguns, os personagens se encontram com seus duplos ou se multiplicam em tempos diferentes. Já em seu primeiro livro, **Os Reis**, o escritor apresenta, em sua recriação do mito do labirinto, um Minotauro que é uma espécie de duplo de Minos e Teseu. Como bem reparou Ari Roitman no prefácio da edição brasileira, “embora abominem o Minotauro – que representa para eles um rival na luta pelo poder –, os reis Minos e Teseu também intuem em que medida o monstro é um contraponto de si mesmos, um inquietante duplo” (ROITMAN, 2011. p. 12). Em *Revelaciones de un Cronopio*, o próprio Cortázar conta uma anedota reveladora sobre sua relação com a duplicidade:

Una vez yo me desdoblé. Fue el horror más grande que he tenido en mi vida, y por suerte duró sólo algunos segundos. Un médico me había dado una droga experimental para las jaquecas (...) derivada del ácido lisérgico, uno de los alucinógenos más fuertes. (...) Un día de sol como el de hoy -lo fantástico sucede en condiciones muy comunes y normales- yo estaba caminando por la rue de Rennes y en un momento dado supe -sin animarme a mirar- que yo mismo estaba caminando a mi lado; algo de mi ojo debía ver alguna cosa porque yo, con una sensación de horror espantoso, sentía mi desdoblamiento físico. (...) El doble -al margen de esta anécdota- es una evidencia que he aceptado desde niño. Quizás a usted le va a divertir pero yo creo muy seriamente que Charles Baudelaire era el doble de Edgar Allan Poe³. (BERMEJO, 1979. p. 42)

Assim como o Minotauro é um duplo de Minos e Teseu e Baudelaire de Poe, o axolotl é um duplo do narrador. E é nessa duplicidade que o pequeno monstinho se aproxima do deus asteca Xolotl. (Aliás, vale dizer que o axolotl (*Ambystoma mexicanum*), cujo nome remete à língua asteca nauatl, tem como habitat natural os lagos próximos da Cidade do México - “*qué eran mexicanos lo sabía ya por ellos mismos, por sus pequeños rostros rosados aztecas*”⁴, diz o narrador cortazariano (CORTÁZAR, 2007. p. 161)). Voltando ao deus Xolotl, segundo Lévi-Strauss, há uma relação de identidade ou de filiação, talvez até de gemelaridade, entre o deus Xolotl e o grande deus Quetzalcoatl, cujo nome pode ser interpretado como “Serpente Emplumada” ou “Gêmeo Magnífico”, justamente porque representava o planeta Vênus (gêmeo sob seus dois aspectos de estrela vespertina e matutina). E o que mais espanta nessa gemelaridade, repara Lévi-Strauss, é que o deus Xolotl aparece sob “avatares tais como uma espiga de milho dupla ou uma planta de maguey desdobrada” (LÉVI-STRAUSS, 1993. p 202).

Segundo o antropólogo, nos mitos ameríndios, a gemelaridade é sempre algo que, como os avatares do deus asteca, não permanece, justamente porque a identidade não é fixa, mas provisória; porque a transformação é constante e não se estabelece. Conforme analisa Aparecida Vilaça, Lévi-

³ “Uma vez eu me desdobrei. Foi o maior horror que tive na minha vida, e por sorte durou só alguns segundos. Um médico me havia dado uma droga experimental para enxaquecas (...) derivada do ácido lisérgico, um dos alucinógenos mais fortes. (...) Um dia de sol como o de hoje - o fantástico acontece em condições muito comuns e normais - eu estava caminhando pela rua de Rennes e num momento dado soube - sem animar-me a olhar - que eu mesmo estava caminhando ao meu lado; algo de meu olho devia ver alguma coisa porque eu, com uma sensação de horror espantoso, sentia meu desdobramento físico. (...) O duplo - à margem desta anedota - é uma evidencia que tenho aceitado desde criança. Quem sabe isso te divirta, mas creio muito seriamente que Charles Baudelaire era duplo de Edgar Allan Poe”. (tradução minha)

⁴ “que eram mexicanos o sabia já por eles mesmos, por seus pequenos rostos rosados astecas”. (tradução minha)

Strauss nos mostra que, enquanto na mitologia indo-européia os gêmeos são caracterizados por sua identidade, mesmo que sejam de pais diferentes, os mitos norte-americanos exacerbam a diferença, “atribuindo à identidade um valor claramente negativo” (VILAÇA, 2010. p. 34). Nas palavras do próprio Lévi-Strauss, “a identidade constitui um estado revogável ou provisório; não pode durar” (LÉVI-STRAUSS, 1993. p. 208). Segundo ele, no pensamento ameríndio, há uma espécie de inclinação filosófica “para que em todo e qualquer setor do cosmos ou da sociedade as coisas não permaneçam em seu estado inicial e que, de um dualismo instável em qualquer nível que se o apreenda, sempre resulte um outro dualismo instável” (LÉVI-STRAUSS, 1993. p. 209).

Só dessa maneira é que o próprio axolotl pode ser visto como um gêmeo, um duplo sempre diferente de si mesmo, uma espécie de entre, de um ser entre dois mundos. Não esqueçamos que o axolotl é um animal em transição entre uma forma aquática e outra terrestre, meio peixe, meio salamandra. Trata-se, na verdade, de uma espécie de salamandra que não se desenvolve da fase de larva. Raramente (quase nunca na natureza) o axolotl sofre metamorfose para se tornar adulto, mesmo assim é totalmente capaz de se reproduzir e de transmitir essa forma juvenil a sua prole, se desdobrando numa nova espécie.

É como se o axolotl estivesse sempre em devir, sempre a ponto de se tornar uma outra coisa. Como larva perene ele é o próprio entre, que é o ser do devir. Ele nunca se completa, sua forma é a forma do inacabável, não tem origem ou destino. E se, como determina Deleuze em seu famoso **A Dobra – Leibniz e o Barroco**, há metamorfose porque “todo animal é duplo, mas de modo heterogêneo, de modo heteromórfico, como a borboleta dobrada na lagarta e que se desdobra” (DELEUZE, 2007. p. 23), o axolotl é um animal ainda mais propício a essas dobras, uma vez que ele é sempre este ser-para-a-metamorfose, um ser que nunca chega a ser borboleta, ou melhor, salamandra.

Neste sentido, o axolotl é um ser fluido, como as enguias de outro livro de Cortázar. Em **Prosa do observatório**, o aquário do *Jardin des Plantes* ganha as proporções de um oceano profundo, das bocas dos rios europeus, de uma revolução; e o indecível axolotl é substituído por enguias que juntas formam uma serpente multiforme, uma “informe cabeça toda olhos e bocas e cabelos” (CORTÁZAR, 2005. p. 33), uma galáxia negra, uma massa informe. São corpos bizarros que se unem deslizando rio acima. Como multidão, como conjunto de singularidades não-representáveis, lugar de multiplicidade, indefinida e não-mensurável, as enguias desafiam a representação e qualquer forma de unidade representativa. Conforme explica Negri, a multidão “se torna poderosa graças à sua capacidade de circulação, de ‘navegação’, de contaminação” (NEGRI, 2003, p. 46).

Circulando, navegando, o narrador-sultão-estrela-enguia-leitor (“as enguias, Jai Singh, as estrelas e eu mesmo, são parte de uma imagem que só aponta para o leitor” (CORTÁZAR, 2005. p. 7)) percebe que, antes e depois das identificações (no caso as que a senhora M-L. Bauchot faz das larvas dos diferentes peixes ápodes), há o aberto que o “negro rio das enguias desenha na massa elementar atlântica” (CORTÁZAR, 2005. p. 67). E é com este aberto que o narrador quer fazer contato, quer se contaminar. O eu – “a obstinada partícula [do “Ocidente odioso”] subentendida em todos os seus discursos” – quer atingir um campo de contato, entrar neste aberto, que o “sistema que fez de mim isto que sou nega entre vociferações e teoremas” (CORTÁZAR, 2005. p. 67). Continua Cortázar:

ainda não encontramos o ritmo da serpente negra, estamos na mera pele do mundo e do homem. Aí, não longe, as enguias palpitam seu imenso pulso, seu giro planetário, tudo espera o ingresso numa dança que nenhuma Isadora jamais dançou deste lado do mundo, terceiro mundo global do homem sem fronteiras, chapinhador de história, véspera de si mesmo (CORTÁZAR, 2005. p. 97).

Em carta à tal senhora Bauchot, o narrador-remetente fala de como a ciência enfaixa o homem

para que este não se “deforme por excesso de sonhos, enfaixar-lhe a visão, manietar-lhe o sexo, ensiná-lo a contar para que tudo tenha um número” (CORTÁZAR, 2005. p. 85) – e nós podemos completar com Deleuze (1992), para que tudo, todos os seres, sejam amostras, dados⁵. Mas há homens que não aceitam esse cotidiano, não aceitam tal classificação, e é para estes que as enguias sobem pela escada de Jalpur:

para esse, para tantos como esse, um desenho da realidade sobe pelas escadas de Jalpur, ondula sobre si mesmo no anel de Moebius das enguias, anverso e reverso conciliados, cinta da concórdia na noite ruiva de homens e astros e peixes. Imagem de imagens, salto que deixe para trás uma ciência e uma política em nível de caspa, de bandeira, de linguagem, de sexo encadeado; do aberto acabaremos com a prisão do homem e com a injustiça e a alienação e a colonização e os dividendos e Reuter e o que se segue; não é delírio o que aqui chamo enguia ou estrela, nada mais material e dialético e tangível que a pura imagem que não se ata à véspera, que busca além para entender melhor, para se bater contra a matéria rampante do fechado, de nações contra nações e blocos contra blocos (CORTÁZAR, 2005. p. 103).

Importante destacar que concórdia ou conciliação, neste caso, não têm o sentido de consenso, mas de continuidade entre o fluxo das enguias e o homem, entre o axolotl e o narrador, entre nações e blocos, de toque, contato, com-paixão, no sentido que Nancy dá ao termo, ou seja, “ni altruismo, ni identificación: la sacudida de la brutal contigüidad”⁶ (NANCY, 2006. p. 12). Justamente porque, ali, não há identidade, não há o homem, mas uma véspera do homem, que precisa encontrar um outro sentido de homem, “roçar outro perfil do homem”, diz Cortázar (2005. p. 79), o perfil de um homem aberto.

Contra o enfaixamento do homem, que “esconde uma falsa definição da espécie” (CORTÁZAR, 2005. p. 93), Cortázar apresenta a metamorfose, a fluidez da água, a animalidade sinuosa, elástica, escorrida da enguia, a saída ao aberto, a fita de Moebius, a multidão-serpente informe ou multiforme (tanto faz, quem tem muitas formas acaba por não ter nenhuma), enfim, a revolução de dentro para fora e de fora para dentro.

A imagem do anel de Moebius também é perfeita para se pensar o axolotl. Como a bolsa de Fortunatus de Lewis Carroll, “feita de lenços costurados *in the wrong way*, de tal forma que sua superfície exterior está em continuidade com sua superfície interna: ela envolve o mundo inteiro e faz com que o que está dentro esteja fora e o que está fora fique dentro” (DELEUZE, 2006. p. 12), ali não existem identidades, mas a fluidez das espécies, a contigüidade entre animal e narrador, a instabilidade de categorias como dentro e fora, eu e outro, natureza e cultura, homem e animal. Nem mesmo o vidro, analisou Néstor Tirri, faz com que “desaparezca el fluido que los une, la consubstanciación del hombre con el animal”⁷ (Apud WOLFF, 1998. p. 52).

*no hubo nada de extraño en lo que ocurrió. Mi cara estaba pegada al vidrio del acuario, mis ojos trataban una vez más de penetrar el misterio de esos ojos de oro sin iris y sin pupila. Veía muy de cerca la cara de un axolotl inmóvil junto al vidrio. Sin transición, sin sorpresa, vi mi cara contra el vidrio, en vez del axolotl vi mi cara contra el vidrio, la vi fuera del acuario, la vi del otro lado del vidrio. Entonces mi cara se apartó y yo comprendí*⁸. (CORTÁZAR, 2007, p. 166)

⁵ “não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’” (DELEUZE, 1992).

⁶ “nem altruísmo, nem identificação: a sacudida da brutal contigüidade” (tradução minha).

⁷ “desapareça o fluido que os une, a consubstanciação do homem com o animal” (tradução minha).

⁸ “não houve nada de estranho no que aconteceu. Minha cara estava grudada no vidro do aquário, meus olhos tratavam uma vez mais de penetrar no mistério desses olhos de ouro sem íris e sem pupila. Via de muito perto a cara de um axolotl imóvel junto ao vidro. Sem transição, sem surpresa, vi minha cara contra o vidro,

Narrador e axolotl se aproximam de forma fluida, como continuidade instável, como um tornar-se outro que nunca se estabelece. Não há um axolotl que vira homem nem um homem que vira axolotl, porque não há equivalência entre dois termos ou troca de identidades, simplesmente, porque não há um eu ou um outro previamente dado ao qual se pode equivaler. Não há mesmo que não seja desde sempre um outro, como também não há outro estanque, fixo, o que há é a relação mesma.

Podemos pensar que a consciência do *self* que, segundo Freud, o duplo representa, se forma justamente porque é no outro que cabe a pergunta sobre o eu. Afinal, como nos ensina Derrida, é ao outro (humano ou inumano) que se deve fazer a pergunta sobre quem é este que eu sou (DERRIDA, 2002. p. 18). De acordo com Derrida, só chegamos a uma consciência de nós mesmos através de outros seres viventes, humanos ou animais, através de nossa responsabilidade por eles, através do embate ético que essa relação propicia. O ponto de vista do animal - este completamente outro, mais outro que qualquer outro - manifesta “a verdade nua de todo olhar” (DERRIDA, 2002. p. 30), trazendo questões que, explica Derrida, “engajam um pensamento do que quer dizer viver, falar, morrer, ser e mundo como ser-no-mundo ou ser-ao-mundo, ou ser-com, ser-diante, ser-atrás, ser-depois, ser e seguir” (DERRIDA, 2002. p. 29).

É no embate com o outro que chegamos a uma consciência de nós mesmos. É somente neste encontro ético que se forma uma subjetividade, pois a subjetividade, define Lévinas, não é um para si, mas um para o outro desde seu início (LÉVINAS, 2007. p. 80). De acordo com o filósofo, “a humanidade do homem, a subjetividade, é uma responsabilidade pelo outro” (LÉVINAS, 1993. p. 105). Responsabilidade essa que dilacera toda a essência, uma vez que a própria identidade do eu humano é definida a partir dela: “Eu, não intercambiável, sou eu apenas na medida em que sou responsável”, conclui Lévinas (2007. p. 84). Essa responsabilidade significa, antes de mais nada, a deposição do eu soberano na consciência de si e na relação com outrem. Daí que, para o autor de *Humanismo do outro homem*, a ética é o espaço onde se dá o próprio nó do subjetivo (LÉVINAS, 1993. p. 79).

Segundo ele, existe uma responsabilidade pré-original, que ultrapassa a liberdade, que é vestígio de um passado imemorial e que se recusa ao presente e à representação, uma responsabilidade antes de ser intencionalidade, anterior a todo engajamento livre, mas também a toda hierarquia (LÉVINAS, 1993. p. 97). Essa responsabilidade é a responsabilidade pelos outros, uma responsabilidade irrevogável, irreversível e irrecusável que não remonta nem violenta uma escolha, porque situa uma interioridade que precede à liberdade e à não-liberdade. “A subjetividade do em-si é assim como uma obediência a uma ordem que se realiza antes que a ordem se faça ouvir, a anarquia mesma” (LÉVINAS, 1993. p. 97).

Por isso é que, ao introduzir este corpo familiarmente alheio, mais do que produzir estranhamento (consequência tanto da monstruosidade do axolotl quanto da transformação inumana do narrador), o texto cortazariano se revela um trabalho de performance que dá boas-vindas à alteridade, ressaltando a impossibilidade de demarcar o eu e o outro, o sujeito e o objeto; já que é pelo ponto de vista desta alteridade absoluta, tão estranha e tão próxima a mim, que o eu se mostra como um “devir entre multiplicidades” (para usar a bela expressão de Deleuze e Guattari (1997. p. 33)), um ser incompleto, que se realiza justamente no contato com o outro, um ser que só existe no mundo, com o mundo e para o mundo.

Referências Bibliográficas

- 1] BERMEJO, Ernesto González. **Revelaciones de un Cronopio – Conversaciones con**

em vez do axolotl vi minha cara contra o vidro, a vi fora do aquário, a vi do outro lado do vidro. Então minha cara se afastou e eu compreendi”. (tradução minha).

Cortázar. Buenos Aires: Contrapunto, 1979.

- 2] CORTÁZAR, Julio. **Final del juego**. 2 ed. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007.
- 3] _____. **Prosa do observatório**. Trad. Davi Arrigucci Júnior. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- 4] DELEUZE, Gilles. **A dobra**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 4 ed. Campinas: Papirus, 2007.
- 5] _____. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- 6] _____. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. In: **Conversações: 1972-1990**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- 7] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível”. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- 8] DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- 9] FREUD, Sigmund. “O estranho”. In: **Obras completas psicológicas de Sigmund Freud**. Volume XVII (1917-1919). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 10] LÉVI-STRAUSS, Claude. **História de lince**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- 11] LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.
- 12] _____. **Humanismo do outro homem**. Trad. Pergentino S. Pivatto (org.). Petrópolis: Vozes, 1993.
- 13] NANCY, Jean-Luc. **Ser singular plural**. Trad. Antonio Tudela Sancho. Madrid: Arena Libros, 2006.
- 14] NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre Império**. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- 15] ROITMAN, Ari. “Prefácio”. In: CORTÁZAR, Julio. **Os Reis**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- 16] VILAÇA, Aparecida. “O gosto pelo outro – Lévi-Strauss e os índios”. **Ciência hoje**. vol. 45. nº 270. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, maio de 2010.
- 17] WOLFF, Jorge H. **Julio Cortázar: a viagem como metáfora produtiva**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1998.

i Autor

Ana Carolina CERNICCHIARO, Doutoranda
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Programa de Pós-Graduação em Literatura
anacer77@yahoo.com.br